

SAUSP.DOC

SETEMBRO/OUTUBRO DE 2018.



Foto 1 - Fachada do prédio do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

Dilemas e tensões: o direito ao exercício da pesquisa e à proteção dos direitos de autoria

"A conservação, por si só, com tudo o que significa de zelo e de guarda para o futuro, não tem sentido se não é dirigida ao uso e serviço dos demais."

Antonia Heredia Herrera¹

Pretendemos compartilhar, com este artigo, alguns problemas que profissionais de arquivos enfrentam ao realizarem a mediação entre a aplicação das instruções contidas na Lei de Direitos Autorais, em vigor no Brasil desde 1998², e pesquisadores que dependem de reproduções de documentos integrantes de arquivos permanentes de natureza pública. Nem todos os documentos podem ser colocados à disposição para essa finalidade porque a situação de autoria ainda não pôde ser regularizada. A discussão de natureza jurídica não é nosso foco, mas permeia os exemplos citados.

As demandas dos pesquisadores por fontes primárias geram inúmeras dificuldades, que podem

ser rastreadas tanto por limites impostos pelos dispositivos legais quanto por algumas práticas de produção, recebimento e acumulação de documentos, nas quais o cuidado com o registro de metadados não é observado na vida cotidiana das instituições.

Sobre este aspecto consideramos estratégico e democrático que as informações sejam colocadas à disposição do pesquisador. Entendemos que hoje não podemos repetir o passado, e que a adoção de políticas de gestão documental é indispensável para que direitos individuais e coletivos sejam preservados, além da memória histórica, científica e cultural de nossa sociedade.

Pesquisa: diálogo necessário entre diferentes interlocutores

No Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo os acervos artístico, documental e bibliográfico são muito procurados por pesquisadores que, na maioria das vezes, requerem a reprodução de documentos, seja para incluí-los - na íntegra - em seus trabalhos, ou simplesmente para tê-los à mão em consulta posterior.

Constitui documentação arquivística deste Museu público e universitário de arte reportagens fotográficas de exposição, plantas museográficas, atas de reunião de trabalhos, gravações de aulas e eventos, projetos para folders e catálogos, entre tantos outros documentos de gêneros e suportes variados.

São inúmeros os casos em que foi necessária uma investigação incansável com o intuito de recuperar metadados, aliada à consulta jurídica para atender a diferentes demandas de pesquisa que, por sua vez, podem ter diversas finalidades, como, por exemplo, a edição de trabalhos de natureza didática ou acadêmica.

Ao fazer uma retrospectiva, observamos que há um grande número de solicitações de reprodução de fotografias. Entretanto, se considerarmos que cerca de 60% das ampliações fotográficas produzidas, recebidas e acumuladas entre a década de 1960 e os primeiros anos do século XXI apresentam problemas de definição de autoria, a investigação torna-se um problema. A busca por soluções é imperativa, e é uma das prioridades dos profissionais responsáveis pelo Arquivo e pela área de Reprodução e Empréstimo do Museu.

Como as reportagens fotográficas sobre as exposições realizadas pelo Museu remontam ao primeiro ano de criação do MAC USP e compõem a principal fatia do acervo de imagens do Arquivo, elas foram estrategicamente definidas como o foco da investigação a ser realizada.

Inicialmente a pesquisa dedicou-se a traçar o perfil de produção e acumulação das reportagens fotográficas. Assim, com a intenção de subtrair frações do montante de obras órfãs e consequentemente possibilitar a sua veiculação pelos pesquisadores, o Arquivo Histórico passou

a investigar as autorias, recuperando informações em catálogos, listas de contatos fotográficos, recibos de pagamentos e mesmo entrevistando funcionários, curadores, artistas e fotógrafos que trabalharam no período do registro, entendendo que tais testemunhos poderiam confirmar autorias ou entregar vestígios para a sua definição.

Sabendo que a prática da contratação de estúdios fotográficos foi bastante utilizada durante a gestão do primeiro diretor do MAC USP, Professor Walter Zanini, entre abril de 1963 e os primeiros meses de 1978, procuramos contato com profissionais ou seus herdeiros que trabalharam para o Museu durante aquele período. Na medida do possível, as entrevistas a serem feitas com essas pessoas seriam conduzidas a partir de um roteiro.

O primeiro convidado do Arquivo Histórico para essa atividade foi German Lorca, artista que, junto ao seu Estúdio Lorca Fotógrafos Limitada, fotografou exposições que ocorreram no MAC USP entre as décadas de 60 e 70. A entrevista foi realizada no Museu no dia 24 de novembro de 2016. Examinando um lote de fotos em que a maioria delas era carimbada pelo estúdio, contendo inclusive fotografias consideradas artísticas, Lorca informou que não havia como saber quem exatamente havia sido o fotógrafo.

Durante a entrevista, German Lorca assumiu que, sem qualquer dúvida, apenas as imagens carimbadas poderiam ter a autoria vinculada ao estúdio. Entretanto, um de seus filhos, que também fotografava os eventos em nome do estúdio e participante da entrevista, levantou a possibilidade de todas as fotografias pertencentes ao mesmo lote serem de autoria do estúdio. De qualquer maneira, a partir do carimbo (que é um vestígio) pudemos elencar características para imagens de um mesmo evento.

Apesar de conseguirmos documentar com maior precisão a autoria das fotografias realizadas pelo Estúdio Lorca Fotógrafos Limitada, outro problema surgiu: não era possível determinar qual o fotógrafo de cada registro, e a Lei de Direitos Autorais só reconhece como autor a pessoa física.

Por outro lado, a memória de German Lorca direcionou nossa busca de informações para outro lote, ao recordar que não fotografava com câmeras de grande angular, característica do fotojornalismo.

A partir dessa informação, e sob uma demanda premente para identificarmos o autor de algumas fotografias requisitadas, recorreremos a uma artista que solicitava as imagens para integrar seu acervo pessoal, perguntando-lhe se tinha alguma lembrança sobre quem havia fotografado a exposição da qual participou. Interessante observar que a artista mencionou um fotógrafo de outro estúdio contratado pelo Museu, mas ao confrontarmos essa informação com outro interlocutor do período, constatamos uma divergência, e a autoria ainda está sendo investigada.

Outro caso que demandou verificação de autoria diz respeito a um estúdio que trabalhou para o MAC entre o início dos anos 70 e 80. Neste caso soubemos por Elvira Vernaschi, funcionária aposentada do Museu, que existiam fichas confeccionadas que indicavam a autoria de um lote de reportagens fotográficas.

Diante dessa informação – que nos causou surpresa, uma vez que o Arquivo do MAC se empenha em recolher toda a documentação do período da gestão Zanini –, buscamos tais fichas em lugares onde poderiam ter sido arquivadas na instituição. Após localizá-las e fazermos o seu recolhimento, foi possível autenticarmos, com segurança, o estúdio responsável pela autoria de outro lote de documentos. No entanto, como no caso do Estúdio Lorca, à boa parte dos itens só foi possível creditarmos o nome do estúdio.

O caminho da memória leva-nos a evidências, que por sua vez precisam ser corroboradas por fatos e documentos. No entanto, há situações em que a única fonte é a lembrança, entendendo que, nesse processo, passamos a ter uma reconstrução seletiva do passado. Apesar dessa limitação, continuamos o trabalho para recuperar informações que nos permitam colocar à disposição dos interessados - sem restrições - um acervo riquíssimo que nos fala da arte, da Universidade, dos museus e da sociedade brasileira enfim, um potencial privilegiado para a produção de conhecimento.

Referências Bibliográficas:

¹ HEREDIA HERRERA, Antonia. Arquivos, documentos e informação. In: SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania.** São Paulo, 1992. p. 114.

² Lei no 9.610/98, em vigor no Brasil desde 1998.

Créditos:

Texto:

Silvana Karpinski - Doutora pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e Especialista em Gestão de Documentos de Arquivo pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Coordenadora do Arquivo do Museu de Arte Contemporânea da USP.

Marília Bovo Lopes - Especialista em História, Sociedade e Cultura pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Responsável pela Seção de Empréstimos e Reproduções do Museu de Arte Contemporânea da USP.

Foto: Marcos Santos / USP Imagens

Diagramação: Bruno L. Teodoro

Informe de eliminação e recolhimento de documentos

A Lista de Eliminação de Documentos 02/2018 da STI/CeTI-SC foi publicada no D.O.E de 11 de setembro de 2018. Foram eliminados 2,60 metros lineares de documentos.

A Lista de Eliminação de Documentos 02/2018 do IAG foi publicada no D.O.E de 4 de outubro de 2018. Foram eliminados 9,57 metros lineares de documentos.

A Lista de Eliminação de Documentos 02/2018 da RUSP/CODAGE/DA/DACAA foi publicada no D.O.E de 23 de outubro de 2018. Foram eliminados 28,83 metros lineares de documentos.

No total foram eliminados 41 metros lineares de documentos.